

Imagem e transcendência

Eurípedes Gomes da Cruz Júnior

Doutor em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins (Unirio/Mast) - Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

Museólogo do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) - Instituto Brasileiro de Museus/ Ministério da Cultura (IBRAM/MinC) - Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/0523463523758180>

E-mail: euripedes.junior@museus.gov.br

Publicado em: 12/10/2018.

RESUMO

O artigo é uma transcrição da palestra proferida na 1ª Bienal Nacional de Imagens na Ciência, Arte, Tecnologia, Educação e Cultura, e traz uma reflexão sobre imagens e possibilidades de leituras baseada em duas pessoas que se detiveram no estudo das mesmas: o filósofo francês Régis Debray e a psiquiatra brasileira Nise da Silveira, fundadora do Museu de Imagens do Inconsciente. O primeiro escreveu o livro *Vida e morte da imagem*; Nise da Silveira escreveu dois livros – *Imagens do Inconsciente* e *O Mundo das Imagens*. A partir de textos destes livros procura-se estabelecer uma afinidade entre ambos ao abordar a leitura de imagens como uma tentativa de transcender-lhes a representação física e formal.

Palavras-chave: Imagens do inconsciente. Midiologia. Leitura de imagens. Arte e loucura.

Image and transcendence

ABSTRACT

*The text is a transcription of a lecture given at the 1st National Biennial of Images in Science, Art, Technology, Education and Culture. It brings a reflection on images and possibilities of reading them, based on texts of the French philosopher Régis Debray and the Brazilian psychiatrist Nise da Silveira, founder of the Museum of Images from the Unconscious. On this subject, the first one wrote the book *Life and Death of the Image*, and Nise da Silveira wrote the books *Images from the Unconscious* and *The World of Images*. From these texts we try to establish an affinity of thought between both, in approaching the reading of images as an attempt to transcend their physical and formal representation.*

Keywords: *Images from the unconscious. Midiology. Reading of images. Art and madness.*

Imagen y trascendencia

RESUMEN

*El artículo es una transcripción de la conferencia pronunciada en la 1ª Bienal Nacional de Imágenes en la Ciencia, Arte, Tecnología, Educación y Cultura, y trae una reflexión sobre imágenes y posibilidades de lecturas basada en dos personas que se detuvieron en el estudio de las mismas: el filósofo francés Régis Debray y la psiquiatra brasileña Nise da Silveira, fundadora del Museo de Imágenes del Inconsciente. El primero escribió el libro *Vida y muerte de la imagen*; Nise da Silveira escribió dos libros - *Imágenes del Inconsciente* y *El Mundo de las Imágenes*. A partir de textos de estos libros se busca establecer una afinidad entre ambos al abordar la lectura de imágenes como un intento de trascenderles la representación física y formal.*

Palabras clave: *Imágenes del inconsciente. Midiologia. Lectura de imágenes. Arte y locura.*

TRANSCRIÇÃO

Mudei para o mundo das imagens. As imagens tomam a alma da pessoa (Fernando Diniz¹).

Esse lençol subterrâneo que religa por dentro e por baixo as civilizações e épocas, por mais afastadas que estejam umas das outras, torna-nos, em certo sentido, contemporâneos de todas as imagens inventadas por um mortal, pois cada uma delas escapa, misteriosamente, de seu espaço e tempo (Régis Debray²)

Quero inicialmente manifestar a emoção de falar nesse lugar onde vários acontecimentos passados influenciaram de forma tão intensa minha vida não só como profissional de museu, mas também como ser humano que, à guisa de crescimento, procura elevar-se para longe do começo, ou seja, da semente, da raiz, sem no entanto perdê-la, mas integrá-la. Esse processo, para o qual utilizei essa imagem vegetal como metáfora, e que Carl Gustav Jung denomina processo de individuação.

O prédio onde ora nos encontramos e que hoje constitui um dos câmpus da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi inaugurado em 1852, construído para marcar a ascensão ao trono do imperador Pedro II, homem culto e viajado que certamente desejava ter no Brasil uma construção hospitalar que rivalizasse com as que se espalhavam pela Europa, e que ele havia conhecido. À entrada da Baía de Guanabara, porta principal de entrada do país, onde os navios obrigatoriamente passavam, erguia-se majestoso, na outrora Praia de Santa Luzia, o Hospício de Pedro II, que com o advento da República passaria a chamar-se Hospital Nacional dos Alienados.

Fato curioso é que o hospital, a princípio, não tinha população: resolveu-se gratificar quem para lá encaminhasse algum infeliz. O estímulo pecuniário funcionou tão bem que logo o erário municipal declarou-se sem recursos para atender à demanda de internação de tantos bêbados, vagabundos e outras categorias de desviantes que para cá eram trazidos, graças a esse, digamos, “empurrãozinho”.

¹ Artista plástico, frequentou durante 40 anos o ateliê de pintura do Museu de Imagens do Inconsciente, no subúrbio carioca de Engenho de Dentro. Em sua obra destaca-se o premiado desenho animado *Estrela de oito pontas*.

² Escritor e filósofo francês.

Perdoem-me essa digressão histórica. Como pesquisador da área da Museologia e do Patrimônio, considero importante saber onde estamos, até porque esses fatos têm ligação com o assunto que vou expor aqui. Nesta construção hoje tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 80 anos após sua inauguração como hospício, veio residir uma médica franzina, admitida por concurso público, e que desafiara a vetusta instituição médica da época, formando-se na Faculdade de Medicina da Bahia, única mulher entre uma centena e meia de homens: a Dra. Nise da Silveira, que em 1946 daria início à maior coleção do mundo de obras produzidas por indivíduos rotulados como loucos, internados em hospícios, e que hoje constitui o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente (MII), onde tive o privilégio de trabalhar durante 30 anos.

Assim, falar sobre imagens neste lugar tem para mim uma importância toda especial.

Quero também justificar o emprego da bela palavra “transcendência” no título desta modesta fala. A transcendência é um conceito que exprime uma relação com algo que está além do mundo natural, é o caminho que permite alcançar, de alguma forma, aquilo que está fora dos limites impostos por uma materialidade ou situação. Em minha experiência no MII pude verificar a emergência das imagens configuradas espontaneamente, num ambiente de liberdade e respeito, pelos frequentadores dos seus ateliês de pintura e de modelagem. Ao mesmo tempo, a prática contínua das atividades de exposições, documentários científicos e publicações sobre as pesquisas levadas a cabo por Nise e seus colaboradores mostravam-me o outro lado do espelho, ou seja, o tratamento dado na recepção dessas imagens, resultado e processo de uma tentativa (e eu diria bem-sucedida) de transcender a materialidade da imagem ou sua camada superficial de representação, em busca de uma dimensão onde afetos e intensos complexos energéticos que acontecem nas profundezas do lado obscuro de nossa mente, de nossa psique, são revelados.

Enfim, considero aqui a transcendência também como linha de fuga para alcançar um objetivo simples: unir e trazer para este momento uma reflexão sobre imagens baseada em duas pessoas que se detiveram no estudo das mesmas: o filósofo francês Régis Debray e a nossa brasileira Nise da Silveira. O primeiro escreveu o livro *Vida e morte da imagem*, que eu recomendo fortemente a todos, e do qual, infelizmente, apenas arranharemos alguns pontos de sua articulação consistente e bem fundamentada. Nise também escreveu dois livros – *Imagens do Inconsciente* e *O Mundo das Imagens*, nos quais demonstra a aplicação de um método próprio e interdisciplinar de leitura de imagens, que desenvolveu no acervo do Museu de Imagens do Inconsciente.

Debray propõe aquilo que denomina *midialogia*, definida por ele como uma interdisciplina que reduziria a distância entre o aspecto material e o aspecto espiritual da imagem. Faz uma interessante divisão da história da imagem no ocidente, em três períodos que denomina *midiasferas*.

Quadro 1 – As *midiasferas*

MIDIASFERAS		
Logosfera	Grafosfera	Videosfera
Ídolo (presença)	Arte (representação)	Visual (simulação)
Grécia	Itália	América

Fonte: Debray (1993, p. 7).

Nise enveredou pelos caminhos da linguagem não verbal, com o objetivo de se aproximar das vivências internas de seus pacientes no hospital psiquiátrico, massacrados pela segregação e pelos métodos desumanos de tratamento em voga na época: eletrochoque, coma insulínico, lobotomia. As histórias não verbalizáveis que nos foram legadas pelas imagens criadas pelos demiurgos do ateliê de pintura do Museu foram por ela retiradas de sua polissemia infinita e apresentadas numa dimensão simbólica, tornando-as compreensíveis pelo método de leitura por ela desenvolvido.

Tal método baseia-se no estudo comparado das imagens, sempre com uma abordagem interdisciplinar.

Em determinado ponto do livro *Vida e Morte da Imagem*, Debray faz uma pergunta crucial:

“- Por que motivo o estudo da imagem ficou tão atrasado relativamente ao da linguagem? Em termos de conhecimento, a estética é tratada com menos consideração do que a linguagem. Sintoma revelador. De quê?”

Hans Prinzhorn foi um dublê de médico e historiador, cujo maior mérito foi publicar um livro - *Bildnerrei der Geisteskranken* (Imaginária dos doentes mentais) – no qual as pinturas e desenhos de pessoas consideradas loucas eram apresentadas sob um ponto de vista estético, sem associações patológicas. O cuidado na apresentação e a qualidade da publicação contribuíram para o grande sucesso que o livro alcançou nos meios intelectuais europeus da época (1922). Sua influência na obra de criadores como Max Ernst, Klee e Picasso, assim como nos movimentos expressionista e surrealista, foi notória.

Comentando esse livro, Nise da Silveira fala que só o descaso pelo estudo e compreensão da imagem poderia justificar o fato de a tradução inglesa só aparecer 50 anos após sua publicação, em 1972. Na França, onde o trabalho de Prinzhorn teve maior repercussão, demoraria mais 10 anos para que a tradução francesa viesse à luz.

A história da espécie sugere: no princípio era a Imagem. Mas a história escrita afirma: no princípio era o Verbo. Logocentrismo lógico: a linguagem honra a linguagem.

A evolução conjunta das técnicas e das crenças vai conduzir-nos a situar três momentos na história do visível: o olhar mágico, o olhar estético e, enfim, o olhar econômico. O primeiro suscitou o ídolo; o segundo a arte; o terceiro, o visual. Mais do que visões, trata-se aí de organizações do mundo, daí as *midiasferas* propostas por Debray.

As estelas funerárias procuravam comunicar os vivos com os mortos. O ícone bizantino insere-se num espaço eclesial, numa prática litúrgica coletiva. As imagens do Cristo e de Maria foram diferentemente lidas ou estilizadas em distintas épocas. A arte contemporânea reflete o individualismo da sociedade ocidental contemporânea. A imagem contém, assim, uma história de si própria e, ao mesmo tempo, reflete uma história de quem a vê.

A desmaterialização da imagem, causada pela sua reproduzibilidade, retirou-lhe a dimensão simbólica, ao eliminar sua textura, escala, ambiente, suporte. Agora podem reunir-se ao arbitrário de cada um, formando um conjunto de igualdades, tornando igual aquilo que é dessemelhante. Walter Benjamin alertou para essa mudança: à época, foi por isso criticado, à esquerda e à direita.

À medida que a imagem se dessacraliza, o artista vem ocupar o seu lugar. A multiplicação dos templos e dos semideuses da arte traz essa saída religiosa da religião, o culto da arte, nossos museus são os santuários dos agnósticos. Entretanto, o aumento exponencial do número de museus parece menos um sinal de realização plena do que de decadência espiritual, tão certo quanto a multiplicação dos templos romanos não marca o apogeu, mas o fim de uma grande civilização.³

Ficamos assim. Uma época mais fecunda em museus do que em obras de arte é também, pelas mesmas razões, mais fecunda em semiólogos, sociólogos e midiólogos do que em magos.

Nunca como hoje tantos museólogos cuidaram tão bem dos enfeites e adornos e desdenharam tanto do sentido das imagens. O conservador torna-se a vedete em vez do conservado. O estojo eclipsa a joia. Na tragédia grega a cidade fazia-se teatro. Hoje, o teatro sonha transformar-se em cidade. E o teatro vivo de uma cidade do Ocidente é presentemente seu museu.

Muitos museus contemporâneos, especialmente os concebidos e construídos na segunda metade do século XX, formam uma categoria que, à guisa de melhor definição, chamei de *museus narcísicos*. Seguindo a abordagem do “estojo eclipsa a joia”, a construção em si é a própria obra de arte, o seu conteúdo está num plano secundário. Erguem-se, imponentes, sua imagem geralmente duplicada num espelho d’água, a mirar-se nele, como na pintura *Narciso* de Caravaggio: daí o termo que escolhi para denominá-los.

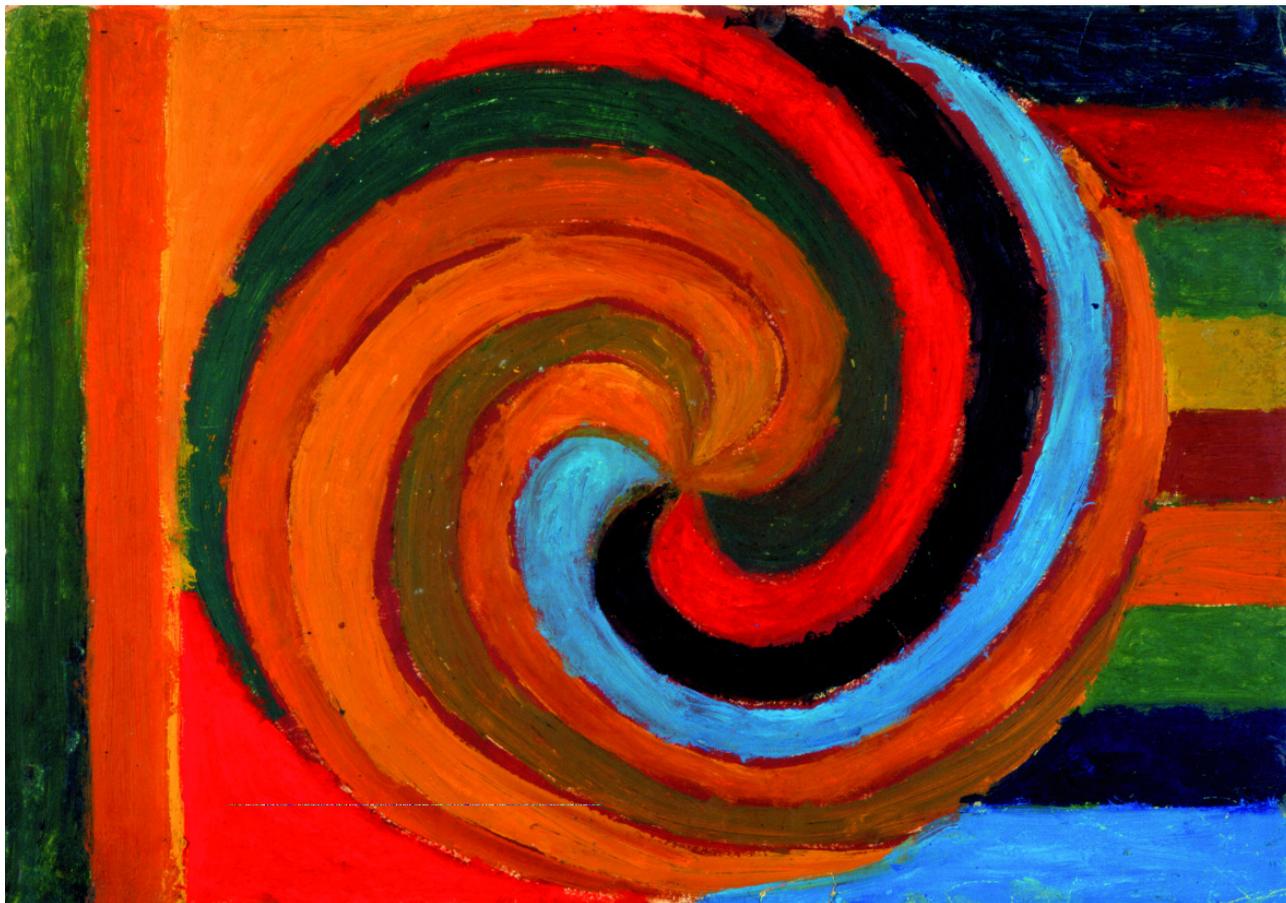
Na contramão dessa *museofolia*⁴, ou melhor dizendo, numa trajetória diferenciada, o Museu de Imagens do Inconsciente representa uma ilha. O convívio entre acervo, criadores, visitantes, animais e funcionários, seu maior patrimônio, possibilitou à Dra. Nise a criação e aplicação de um método de leitura das imagens que verificou-se eficaz para a compreensão de processos intrapsíquicos, através do estudo de longas séries de pinturas, interpretadas sob uma abordagem que inclui a história e vivências pessoais dos criadores das imagens, ao lado da literatura, história das artes e das religiões, mitologia, psicologia etc.

Isoladas, elas parecem sempre indecifráveis, diz Nise. Quando examinadas em séries, verificar-se-á com surpresa a existência de um fluxo que traz a revelação de conteúdos que se desdobram na profundidade do inconsciente. Esse aprofundamento que Nise traz no estudo das imagens vem se contrapor à tendência de nossa sociedade racional e linguística, promovendo o encontro entre as tendências apolínea e dionisíaca, reforçando a ideia do humanismo ecológico citado por Debray. Ele diz que o humanismo não é um produto cultural, mas biológico, natural e ecológico. Nise também destaca em suas leituras esses processos instintivos da psique humana, como por exemplo, o surgimento das mandalas que procuram contrapor um movimento de ordem e busca de equilíbrio em situações de conflito e de caos.

³A esse respeito consultar o interessante artigo *L’Art contemporain et le musée* (1989) de Jean Clair (pseudônimo de Gérard Régner, curador e diretor de vários museus nacionais franceses).

⁴A professora Heloisa Helena Gonçalves, da UFBA, cunhou, a certa altura, o termo *museofolia*, para designar o intenso movimento de criação de museus das últimas décadas do século XX.

Figura 1 – Mandala de F. Diniz (óleo sobre papel/Museu de Imagens do Inconsciente)



O termo ‘simbólico’ vem de reunir, colocar junto, aproximar. O *sýmbolon* grego era uma taça ou tigela quebrada por dois homens que transmitiam os pedaços aos filhos para que um dia pudessem, ajustando os dois fragmentos e refazendo a unidade do objeto, reencontrar as mesmas relações de confiança. A imagem é benéfica porque é simbólica, diz Debray. Ele afirma ser ela remembrante e reconstituente.

Curioso a utilização desse termo “remembrante”, pois muitas imagens na coleção do Engenho de Dentro mostram desmembramentos significativos, segundo Nise, de um processo psíquico de desordem e caos, ao qual o trabalho com as imagens vem contrapor-se, dando origem a imagens ordenadoras, como as mandalas que podem ser aqui observadas. Algumas de uma simplicidade estoica, enquanto outras alcançam uma complexidade maior.

Figura 2 – Imagem de desmembramento. Octávio Ignácio (lápiz de cor sobre papel/Museu de Imagens do Inconsciente)



Figura 3 – Mandala de F. Diniz (óleo sobre papel/Museu de Imagens do Inconsciente)



Debray sustenta a necessidade de transcendência para que haja transmissão. O simbólico não é um tesouro enterrado, mas sim uma viagem. Certas imagens fazem-nos viajar, outras não. As primeiras, por vezes, chamam-se “sagradas” (palavra difícil para os agnósticos...). O sagrado está em todo lugar onde a imagem se abre a uma coisa diferente de si mesma. Nossa época dessacralizou a imagem fingindo consagrá-la. E não é nesse sentido que Nise utiliza as obras produzidas no Engenho de Dentro para fazer sua leitura? Nela, o simbólico e o sagrado se amalgamam.

No MII, podemos verificar com facilidade a sacralidade inerente a muitas imagens, a transmissão das mesmas se dando por meio de um processo de transcendência, ou seja, que ultrapassa os padrões sociais do mercado e circulação da arte ou dos diagnósticos da medicina.

Nise faz a leitura das imagens, mas, pasmem, idealiza o “sistema Chaplin de leitura das imagens”: uma leitura muda! E Debray se pergunta: - em que condições será possível fazer uma transmissão muda?

Poussin diz que a pintura é uma arte que se ocupa de coisas mudas. Debray faz analogia com o próprio inconsciente freudiano, cujo mutismo tagarela, segundo ele, exige essa instável mistura de intérprete e ventríloquo que se chama psicanalista.

A influência da contribuição de Freud e Jung no campo da leitura das imagens é enorme. Embora não seja o objetivo aqui detalhar as teorias desses expoentes do pensamento analítico, apontaremos apenas os principais eixos que dizem respeito à questão da compreensão do simbolismo das imagens. Freud afirma que *A Interpretação dos Sonhos* foi sua descoberta mais valiosa. Desvenda-lhes não só o sentido, mas empreende um método científico para interpretá-los. É seguindo esse método que a psicologia freudiana faz a interpretação dos conteúdos das imagens produzidas pelo homem.

Para Freud, as imagens estão num plano secundário, são apenas um véu, uma máscara que disfarça tendências e desejos inconscientes. Segundo Nise da Silveira, o método freudiano de

investigação aplicado às imagens as reduz quase inescapavelmente a motivos de natureza sexual. Exemplos bastante conhecidos são os estudos de Freud sobre pinturas de Leonardo da Vinci. O que o atrai não é a imagem em si: “o conteúdo de uma obra de arte me atrai mais que suas qualidades formais [...] Teremos de descobrir previamente o sentido e o conteúdo do representado na obra de arte, isto é, teremos de poder interpretá-la” (Freud citado por Silveira, 1992).

Se o caráter reducionista da teoria freudiana obteve sucesso na compreensão de conteúdos neuróticos, o mesmo não se pode dizer em relação à psicose. Nesse campo, Jung, com sua já mencionada larga experiência no hospital psiquiátrico, foi mais além, compreendendo que as imagens não eram apenas máscaras, mas “autorretratos do que está acontecendo no espaço interno da psique”, por ser esta uma peculiaridade essencial à natureza da psique – a configuração de imagens. As imagens seriam a linguagem inata da psique em sua estrutura profunda.

Jung concebeu um processo de individuação no qual existiria uma dialética entre o ego e as imagens do inconsciente. Assim, encontramos em sua obra diversas leituras de imagens, sejam em sonhos, visões, desenhos ou pinturas. Suas ideias acerca da concepção sistêmica dos fenômenos mentais, em oposição ao conceito cartesiano de Freud vêm fazendo com que sua influência se amplie cada vez mais nos exauridos terrenos antes monopolizados pela psicanálise.

Quando a Dra. Nise da Silveira começou a reunir as obras produzidas nos ateliês de pintura e modelagem por ela inaugurados em 1946, no então Centro Psiquiátrico Nacional⁵, a qualidade e a quantidade dessa produção logo feriu sua atenção. Entretanto, foi o fato de encontrar imagens que representavam símbolos da unidade e da *imago dei*, que levaram-na a buscar uma compreensão maior, uma vez que os indivíduos que as produziam eram rotulados pela medicina como dissociados, embotados afetivamente.

⁵ Na década de 1960 o CPN passou a chamar-se Centro Psiquiátrico Pedro II, e em 2000, Instituto Municipal Nise da Silveira, em homenagem à fundadora do Museu de Imagens do Inconsciente.

Se inicialmente a utilização de atividades expressivas tinha como objetivo a busca de um método terapêutico com um perfil humanista, em oposição ao organicismo predominante na psiquiatria da época, a procura de explicação científica para o surgimento das imagens e símbolos acima citados acabou por levá-la a encontrar um meio de acesso ao mundo interno daqueles indivíduos, muitos deles possuidores de uma expressão verbal pouco inteligível; uma forma de realizar uma leitura possível de processos intrapsíquicos através de longas sequências de imagens. A eficácia do método e o desenvolvimento de uma epistemologia para a leitura das imagens foi a tônica de todo o desenvolvimento posterior do pensamento de Nise da Silveira.

No capítulo *O Mundo das Imagens*, de sua obra homônima, relaciona as principais formas de leitura que a psicologia, a psicanálise, a psiquiatria e outros campos fazem das imagens. Ela chegou mesmo a elaborar um guia para o pesquisador que queira investigar as imagens do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente: O BENEDITO, onde ela aponta os autores e textos nos quais baseia o seu método, e que leva esse nome prosaico por uma pergunta que ela mesma faz:- Quem será o Benedito que vai ler esses textos?

Figura 4 – Mandala de Carlos Pertuis (óleo sobre tela/Museu de Imagens do Inconsciente)



As características dos conteúdos emergentes nas pinturas dos frequentadores do ateliê de Engenho de Dentro aproximaram-na da psicologia de C. G. Jung. A experiência de Jung nos hospitais psiquiátricos, sempre procurando compreender o sentido dos delírios e alucinações de seus pacientes, certamente contribuiu para que Nise pudesse encontrar na obra do mestre suíço uma fundamentação teórica consistente para a compreensão das imagens surgidas nos ateliês do hospital. Ela mesma afirma que esse encontro foi “o mais importante acontecimento ocorrido nas minhas buscas de curiosa dos dinamismos da psique” (SILVEIRA, 1981).

Outras vertentes de seus estudos vêm através dos historiadores e críticos de arte, da filosofia e da literatura. Nise dizia que podemos aprender muito mais com a literatura do que com os “massudos tratados de psiquiatria”. Morin (2006) concorda: “nos romances há um conhecimento mais profundo dos seres humanos que nas ciências humanas”.

Foi a possibilidade desse conhecimento profundo que Nise vislumbrou nessas obras. Bachelard (1996) ressalta que a imagem “atinge as profundezas antes de emocionar na superfície”. A atemporalidade das formas simbólicas que emergiam nas pinturas e desenhos dos internados de Engenho de Dentro e a observação da consequente atividade transformadora de energias psíquicas, corroboram a afirmação de Debray segundo a qual há uma história da arte, mas a arte em nós não tem história. A imagem fabricada é datada em sua fabricação; também o é em sua recepção. O que é intemporal é a faculdade que tem de ser percebida como expressiva, até mesmo por aqueles que não **dominam** seu código. Uma imagem do passado jamais será ultrapassada porque a morte é o nosso limite inultrapassável e porque o inconsciente religioso não tem idade.

É, portanto, em razão de seu arcaísmo, que uma imagem pode permanecer moderna.

Como falar em linguagem não verbal num mundo avassalado pelas imagens, onde, paradoxalmente, tem a palavra o maior prestígio? Debray diz que a semiologia é a teologia do século XX. O turbilhonamento de imagens, característica de nossa contemporaneidade, traz aquilo que ele denominou ‘uma certa cegueira simbólica, no interior’, uma amputação dos espaços da utopia.

Debray e Nise se aproximam, cada um a seu modo, para reivindicar uma dimensão imagética nos espaços de utopia alcançados por transcendência.

A iniciativa de realizar essa I Bienal de Imagens é um passo de esperança – ainda pequeno, decerto, mas as longas caminhadas sempre se iniciam com o primeiro passo. Um passo de esperança para a retirada discriminativa de imagens do caudal contemporâneo, transcendendo-as para melhor compreendê-las.

REFERÊNCIAS

BACHELLARD, G. *A Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DEBRAY, R. *Vida e morte da imagem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Obras Completas, v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1987

MORIN, E. DVD. Coleção Grandes Educadores. Apresentação Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: PAULUS, 2006.

SILVEIRA, N. *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

_____. *O Mundo das Imagens*. Rio de Janeiro: Ática, 1992.